



Cinema para todos

Lazer, reflexão e diálogo

O projeto Cinema à Pampa* começou com 25 jovens de 14 a 18 anos que nunca tinham entrado em um cinema. O primeiro passo foi levar os jovens para conhecer um cinema. Depois, eles foram à caça de um aparelho de vídeo e uma televisão para exibir filmes à comunidade de Eldorado, bairro no extremo de Diadema, Grande São Paulo. Conseguiram os equipamentos emprestados de um dos próprios meninos.

"No início era difícil trabalhar porque os jovens vinham sem nenhuma auto-estima e senso crítico, além de serem super tímidos e terem um completo desconhecimento sobre a comunidade onde vivem", conta Rosemary Aniceto, uma das coordenadoras do Núcleo de Protagonismo Juvenil da ACER.

A responsabilidade de realizar o projeto todo, desde a definição da programação até a pro-

jeção do filme, e de serem encarregados de levar o cinema para moradores da comunidade, que muitas vezes estavam vivendo esta experiência pela primeira vez, fez com que a auto-estima desses jovens, pouco a pouco, fosse recuperada e o projeto decolou.

"Os jovens estabeleceram parcerias com supermercado, vídeo locadora e adega para conseguir os filmes, a pipoca e o refrigerante", lembra Rosemary. De todas as parcerias, talvez a mais importante seja com as 14 escolas do bairro. "Quando os jovens bateram na porta da nossa escola contando sobre o Cinema à Pampa, professores, coordenação e alunos foram receptivos porque há uma conversa amadurecida sobre educação integral entre nós", garante a diretora da Escola Municipal Florestan Fernandes, Marjorie Minchev. "A maioria dos jovens que partici-

pam do projeto são nossos alunos ou ex-alunos, que voltam à escola com outra postura: crescidos e responsáveis, conversando em pé de igualdade."

Hoje, com projetor, data-show, telão, vontade e tudo o que é preciso para se fazer cinema, ONG e escola caminham juntas. "Sentamos com os meninos e meninas do projeto e definimos qual é a grade de programação, de acordo com aquilo que está sendo trabalhado em aula. E depois dos filmes desenvolvemos, juntos, oficinas diferentes para cada turma. Porque o cinema não é só lazer, mas lazer, reflexão e diálogo", explica Marjorie.

*O projeto Cinema à Pampa faz parte das atividades desenvolvidas pela ONG ACER - Associação de Apoio à Criança em Risco, de Diadema (SP), sendo um dos 30 finalistas da 6ª edição do Prêmio Itaú-Unicef em 2005.

Foto: Sessão de cinema. Alunos de 1ª a 4ª série assistem o filme "Espanta Tubarões".

Iniciativa:



Coordenação:



Tecendo redes para a educação integral

Nesta primeira edição de 2006 apresentamos o assunto que norteará todos os números do Boletim deste ano – educação integral para crianças, adolescentes e jovens. Dentre as várias concepções do tema, destacaremos as iniciativas de articulação Estado-sociedade civil, acreditando ser esta uma das possibilidades de atendimento à Lei de Diretrizes e Bases da Educação no que se refere à ampliação da jornada escolar para o regime de tempo integral. Este número aborda a relação Escola-ONG na seção *Idéias Pertinentes* e no projeto Cinema à Pampa, da ONG ACER, de Diadema/SP.

GESTORES DE APRENDIZAGEM SOCIOEDUCATIVA

Encontro debate ações socioeducativas na Baixada Santista

Educadores, conselheiros municipais dos direitos da criança e adolescente, representantes de Fóruns ligados ao tema da infância e juventude, gestores municipais e técnicos da assistência social e educação se reúnem na Baixada Santista para debater a ação

socioeducativa na perspectiva da educação integral. O evento acontece em 20 de março de 2006, das 8h às 13h na UNISANTOS, em Santos (SP). Com palestra de abertura feita pela Profa. Dra. Maria do Carmo Brant de Carvalho, a iniciativa pretende também disseminar o trabalho das ONGs participantes do Projeto Gestores de Aprendizagem Socioeducativa. Acompanhe a cobertura do evento nos sites www.cenpec.org.br e www.educpart.org.br.

SEMINÁRIO NACIONAL TECENDO REDES

Prepare-se!

No esforço de debater, fortalecer e disseminar o conceito de educação integral para crianças e adolescentes brasileiros, a ser concretizada na perspectiva da construção de políticas públicas, a Fundação Itaú Social, Unicef e Cenpec, juntamente com Undime, Congemas, Consed e Canal Futura, estão trabalhando em parceria para a realização do Seminário Nacional Tecendo Redes, programado para acontecer no início de julho deste ano. Esta iniciativa faz parte da estratégia de formação das ONGs que participaram do Prêmio Itaú-Unicef de 2005, mas

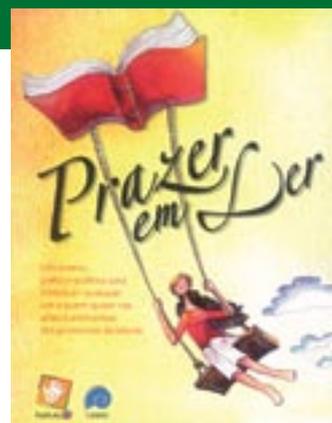
também será aberta a demais interessados. Apresentar propostas de políticas públicas de educação integral que estão sendo implementadas em vários municípios e debater temas como: propósitos e resultados da educação integral, projeto pedagógico, articulações e parcerias, financiamento, avaliação e monitoramento são as diretrizes para a formatação do evento, cuja estrutura prevê formação a distância, videoconferências e outras ações. Já marque na sua agenda. Até lá, vamos esquentando a conversa!

PROGRAMA PRAZER EM LER

Incentivo à formação de leitores

Associado ao esforço nacional de fazer do Brasil um país de leitores, elevar do atual 1,8 para 2,7 livros por habitante/ano*, o Instituto C&A e o Cenpec estão implementando o Programa Prazer em Ler. O programa envolve produção de material paradidático e formação para educadores de organizações apoiadas pelo Instituto C&A e voluntários da rede de lojas. Além de contribuir para o aprimoramento da leitura de educadores e voluntários, a iniciativa promove a criação de ambientes apropriados, aquisição de acervo e o desenvolvimento de estratégias para que crianças e adolescentes experimentem o prazer em ler.

*Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)



Por uma educação sem adjetivos

Educação Formal e educação não-formal*

Margareth Brandini Park**

Qual é, ou melhor, quais são as formas da educação formal? Lugares específicos, relações espaço-temporais controladas, mensuradas, perpetuadas. Forma fixa? Desde os locais nas classes, cada classe em seu lugar, cada coisa em sua hora. As tentativas de vivências na heterogeneidade continuam representando verdadeiros desafios. A ordem é sempre buscada em nome da exequibilidade dos afazeres e do peso do cotidiano. Como abrir mão do grande cabedal de conhecimentos/fazeres e saberes gestados na e pela cultura escolar, para tentarmos definir outras propostas educativas?

A nomenclatura "não-formal" não é adequada, pois a educação não-formal tem forma. Seus conteúdos, espaços, objetivos e estratégias de atuação são idiossincráticos, embora, em muitos momentos, as linhas divisórias entre tais práticas e as demais terminem por se cruzar, gerando embates e debates. Na verdade, ou a propósito, a forma da educação não-formal é bastante fluida, com contornos maleáveis que se ajustam a

indivíduos, desejos, conteúdos.

Já temos aqui um bom ponto de partida para entender certas animosidades que ocorrem no cotidiano entre as instituições escolares e os projetos existentes no entorno, caracterizados como educação não-formal. Nos últimos anos, a disciplina tem dominado as pautas educacionais. Educadores clamam por limites, normas, regras que os deixem respirar de forma não tão sôfrega e aí... os projetos do entorno pregam a tolerância, a busca do prazer, do querer fazer, das não-imposições. Um verdadeiro acinte, uma desconexão. E o paradoxal é que ambos os espaços educacionais pregam que há necessidade de seduzir as crianças, os jovens, os adultos para suas propostas.

Quando um campo novo de conhecimento está a se constituir, seus termos podem ser emprestados, tranqüilamente de outras áreas, porém quanto mais o tempo passa, mais começam as inquietações e os desejos de busca das suas especificidades e particularidades.

Essa dificuldade para estabelecer campos diferenciados acirrou, em muitos momentos, o

conflito com as unidades escolares. A descrição de atividades prazerosas, a flexibilidade, a "disciplina solta", mesmo que existentes só na nomenclatura e não na prática efetiva, provocam a instituição escolar. E quem ganha com o conflito? Sem dúvida, muito da demanda dos projetos que se classificam dentro do campo da educação não-formal advém da expulsão de crianças e adolescentes do ensino formal. Reconhecido isto, quais os passos que nós, educadores, podemos dar para o enfrentamento da questão, uma vez que os dois campos da educação, o formal e o não-formal, são direitos do cidadão, da criança, do jovem, do adolescente e do velho?

* Extraído do capítulo "Educação formal versus Educação não-formal: impasses, equívocos e possibilidades de superação" do livro *Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos*, da Editora Setembro. Para leitores do Boletim, preço especial de R\$ 28,00 mais a postagem (preço nas lojas: R\$52,00). Para comprar, escreva para comercial@editorasetembro.com.br ou ligue para (19) 3902 4040.

** Pedagoga e doutora em educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, pesquisadora do GEMEC-Grupo de Estudos em Memória, Educação e Cultura do Centro de Memória da UNICAMP. Co-autora do livro *Educação não-formal: cenários da criação* (2001) e organizadora do livro *Educação não-formal contextos, percursos e sujeitos* (2005). E-mail margareth.park@gmail.com



O Capão Nosso de Cada Dia

Uma primeira experiência de produção de vídeo

Adriana Rodrigues dos Santos*

A produção do Vídeo "Capão Nosso de Cada Dia" surgiu da necessidade cultural da região. Num primeiro momento, a idéia do participantes do Programa Jovens Urbanos era a criação de uma Casa de Cultura, o que, por envolver uma estrutura além das possibilidades do programa, não pôde ser consolidada. Uma das soluções que surgiu no grupo, então, foi a produção do vídeo sobre as coisas boas que existem no bairro, mostrando e evidenciando as potencialidades da região e acabando com o estigma de violência do bairro Capão Redondo. O vídeo "Capão Nosso de Cada Dia" está sendo exibido em diferentes espaços da região, com roda de conversa e reflexão sobre o trabalho do grupo.

Chegar ao produto final foi um trabalho árduo, já que no decorrer do processo o grupo apresentou altos e baixos. O próprio grupo não acreditava que conseguiria, visto que ninguém tinha experiência; até mesmo os familiares diziam que os jovens estavam perdendo tempo. Com isso os jovens tiveram que amadurecer, dividindo as responsabilidades, superando as brigas e os erros e administrando as frustrações. Como afirmou um dos jovens, "escrever o projeto foi chato, mas na hora que saímos do papel, ficou bom". Outra jovem do programa, Cristiane Maria da Silva, 20 anos, resumiu a experiência dizendo que [um dos aprendizados foi] "acreditar que somos capazes. Sem lutar nada cai do céu". Ao longo do processo existiu uma troca mútua de aprendizagem entre jovens e educadores, ampliando os campos de aprendizagens e intervenção. "Eu não sei mais assistir a um filme sem reparar no enquadramento da câmera", afirma David Geová, 20 anos. Apesar das dificuldades, vale lembrar que a comunidade acolheu bem a iniciativa dos jovens. Hoje as ONGs locais sempre solicitam o vídeo como material educativo para as atividades com outros jovens.

*Adriana Rodrigues dos Santos é educadora no Serviço Social Bom Jesus (SP), uma das ONGs executoras do Programa Jovens Urbanos. E-mail: adriana@socialbomjesus.org.br



Jovem filmando o bairro do Capão Redondo (SP)

Arquivo do Programa Jovens Urbanos

Catálogo de vídeos populares

Com o objetivo de conhecer e divulgar a produção de vídeos populares, o Núcleo Piratininga de Comunicação está organizando um catálogo com produções sobre lutas populares, manifestações artísticas, recuperação de memória e expressões culturais. Sindicatos, ONGs e movimentos sociais podem enviar trabalhos em DVD ou VHS até 15 de abril, para Augusto César, r. Alcindo Guanabara, 17 sl. 912, Rio de Janeiro/RJ CEP: 20031-130. Informações: npiratininga@uol.com.br ou www.piratininga.org.br.

Divulgação



Cinema, Aspirinas e Urubus
Ranulpho, paraibano,

sentia vergonha do atraso do sertão, da seca, da fome; Johann, alemão, também tinha motivos para sentir vergonha de sua Alemanha: veio para o Brasil fugido da II Guerra Mundial. Do encontro destes dois homens emerge um ponto em comum – o desejo de sobreviver. Fique de olho nesse filme!

Você mais perto de nós

A seção ao lado *Tão Longe, Tão Perto* é um espaço para relatos de ONGs que desenvolvem ações socioeducativas. Compartilhe suas experiências com nossa rede, ajudando-nos a divulgar os trabalhos interessantes que acontecem no dia-a-dia das organizações em vários lugares do Brasil. Envie um texto de 1800 toques para educpart@cenpec.org.br ou para rua Dante Carraro, 68 CEP 05422-060, São Paulo/SP a/c Boletim Educação e Participação.

Escreva ou mande mensagens via e-mail para nós. Endereços ao lado.

Expediente

Este boletim é uma publicação do Programa Educação & Participação, iniciativa da Fundação Itaú Social e do Unicef, coordenado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec. Cenpec Rua Dante Carraro, 68/104 - 05422-060 São Paulo - SP www.cenpec.org.br / educpart@cenpec.org.br
Coordenação da área: Maria Júlia Azevedo
Coordenação da publicação: Maria Júlia Azevedo
Edição: Cristina Fernandes de Souza
Conteúdo: Ana Francisca Scholz, Leonor Macedo, Renata

Moraes Abreu.
Colaboração: Aline Cortez, Ana Cecília Chaves Arruda, Maria Brant, Toni Niccolini.
Projeto gráfico e editoração: Caco Bisol
Tiragem: 5.000 exemplares
Distribuição: Daniel Carvalho, José Wellington Berti, Érica Santos.

Distribuição gratuita para parceiros e organizações do Programa Educação & Participação, iniciativa da Fundação Itaú Social e do Unicef, coordenado pelo Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.